

Campinas se esforça para conhecer seu passado

O pesquisador da Unicamp José Roberto do Amaral Lapa, 67, disse que Campinas é uma das cidades mais bem estudadas do país. Apesar disso, ainda há exemplos negativos de conservação de patrimônios históricos, como o Solar do Visconde de Indaítuba.

A seguir, leia os principais trechos da entrevista concedida na última quarta. (LUÍS EBLAK)

★

Folha - Como e quando o sr. começou a estudar Campinas?

José Roberto do Amaral Lapa - Foi em 90, 91, quando comecei a escrever o livro "A Cidade, os Cantos e os Antros". Nos anos 70, tinha escrito um artigo sobre o que deveria ser estudado na cidade. De lá para cá, um percentual muito alto do que eu achava que deveria ser estudado já foi pesquisado.

Hoje, com toda tranquilidade, com toda a responsabilidade de fazer uma afirmação como a que eu vou fazer, eu diria que Campinas é uma das cidades brasileiras mais bem estudadas do país.

Folha - Apesar do empenho de Campinas, que tem inclusive o Centro de Memória, coordenado pelo sr., a história regional no Brasil é pouquíssimo explorada.

Lapa - A história regional ganhou muito impulso a partir da institucionalização dos cursos de pós-graduação no país, nos anos 70. Mas ela ainda sofre uma resistência. Quase sempre se prefere história universal.

"Eu diria que Campinas é uma das cidades brasileiras mais bem estudadas do país"

Folha - O Sérgio Buarque de Holanda tem uma obra que trata especificamente do interior de São Paulo, não é?

Lapa - Veja bem, o Sérgio tem vários livros voltados para São Paulo. Um é "O Extremo Oeste". Não sei direito se esse livro trata especificamente do interior.

Ele tem uma obra fundamental — e aí eu quero puxar a história para Campinas —, que se chama "Monções". Nesse livro, que pega o interior de São Paulo, ele estuda o deslocamento da população representando expedições em direção às minas de ouro de Goiás e Mato Grosso. Esses deslocamentos se faziam pelos rios e se chamavam monções. Eles partiam em navegações de Porto Feliz, iam para o rio Tietê, rio Paraná, até chegar a Cuiabá.

"Campinas nasceu de três clareiras, chamadas campinhos ou campinas — o que acaba dando em Campinas"

Folha - Isso no século 18...

Lapa - Sim, juntamente com essas monções, a capitania de São Paulo autorizou também os deslocamentos por terra e aí está a origem de Campinas.

Eles saíam de São Paulo e passavam por Jundiá, Campinas, Mogi Guaçu, Mogi Mirim e iam embora. Essas cidades estão localizadas a uma distância mais ou menos igual uma da outra, na medida em que era o tempo de marcha dos animais, dos cavalos. Então, depois de um dia de marcha, eles paravam para descansar e, assim, montavam acampamentos.

Nesses pontos de parada geralmente começaram a se fixar pessoas, que escolhiam pontos que tivessem mata, lenha, terra para a lavoura, água... Esses pioneiros começaram a se fixar e fazer lavoura de mandioca, de milho... Muitos desses pontos acabam dando origem a cidades, na medida em que essas pessoas vão se organizando, reivindicando instituições.

Quem chegava aqui, onde está Campinas, encontrava no meio da mata três clareiras, que eram chamadas de campinhos ou campinas — o que acaba dando em Campinas —, foram escolhidas porque tinham água, estavam próximas da mata — com combustível e caça — e eram propícias para se habitar.

A primeira clareira era onde hoje se localiza o Laurão e o estádio do Guarani (zona leste de Campinas). A segunda clareira, chamada do meio, foi a que mais se desenvol-

veu e deu origem à mancha urbana. Fica mais ou menos onde hoje se encontra a praça Bento Quirino.

A terceira fica onde hoje a cidade termina, no Largo do Santa Cruz. Eu chamo esse lugar de "espaço maldito" porque lá tinha bares... e também prostituição. Ele também é conhecido como "Largo da Força" porque foi lá onde ocorreu o primeiro enforcamento da cidade.

Era usado, nos séculos 18 e 19, como quarentena de escravos. Todo mercador tinha que deixar os negros no local para ver se eles não tinham nenhuma doença.

Folha - Campinas, então, nasceu das últimas expedições em busca de minas de ouro, no século 18?

Lapa - Campinas tem a origem, a fixação de povoamento e a expansão dela como cidade resultante de um fluxo e refluxo das minas. Na medida em que as pessoas se atraíam pelas minas e queriam formar grupos para essa busca, o povoado que foi se criando aqui se beneficiou disso. Foi assim quando eles iam em busca de ouro e foi assim também quando na volta...

Folha - Essa origem é consenso?

Lapa - Sobre a origem há consenso, mas o que não existe consenso com os historiadores e cronistas locais é com relação à data da fundação...

*"No Largo do
Santa Cruz,
ocorreu o
primeiro
enforcamento de
Campinas, no
século 18. Por
isso, o local era
conhecido como
'Largo da Força'"*

Folha - Quais são as datas?

Lapa - Uma é 1739 e outra, 1774. A cidade teve, inclusive, duas comemorações de bicentenário da cidade: uma em 1939 e outra em 1974.

Talvez a primeira reivindicação que os moradores fizeram foi um abaixo-assinado pedindo um campo santo, um cemitério, em 1753. Devia haver já um aglomerado de casas e eles, assim, precisavam de um cemitério. "Estamos

aqui há mais de 40 anos", afirmavam. Eles dizem que de 44 a 53 morreram 40 pessoas.

*"Os campineiros
chamavam
Campinas de
Princesa do
Oeste no século
passado. E isso é
uma grande
metáfora, pois
eles querem para
si uma cidade
como uma
princesa, eles
querem
adorná-la,
higienizá-la..."*

Folha - Isso não seria um argumento para derrubar a data de 1774? Quer dizer, se 40 pessoas morreram entre 1744 e 1753, a cidade já não teria se formado antes de 1774, a data mais aceita?

Lapa - Sim, seria um argumento... Mas você me colocou numa fria... 74 é uma data representativa, é uma data emblemática... É a talvez data da elevação da cidade. Não estou certo... Não me lembro ao certo, mas acho que é isso... São tantas datas que eu me perco... Mas posso te assegurar que há um motivo para se escolher 74. Logicamente que 1774 não foi a época que começou tudo, que o povoamento passou a ter vida social. Em 74, já havia essa vida social. O que ocorreu em 74 foi um ato jurídico que deu status de cidade...

Folha - O campineiro conhece o seu passado?

Lapa - Eu diria que há um esforço nesse sentido... Há exemplos negativos de conservação, mas há esforço... O poder público se esforça, o público lê nossas obras... A tiragem do meu livro, lançado no ano passado, esgotou em dois meses. Mas eu diria que patrimônios de Campinas do período colonial já não existem mais. De Campinas da Era Imperial, há três prédios... o que não é nada, o que é, na verdade, vergonhoso.